

ESCREVEU:

- OS SIMPSONS
- NCIS
- MONK
- MUPPETS
- CHARMED
- SABRINA, APRENDIZ DE FEITICEIRA
- LATE NIGHT, COM DAVID LETTERMAN
- PIADAS PARA O PRESIDENTE OBAMA

INT. LIVRARIA - NOITE/DIA

LEITOR vê o livro e o pega para dar uma olhada.

NELL SCOVELL

~~Corte tudo. Deixe~~

SÓ AS PARTES ENGRAÇADAS

E não se esqueça de colocar algumas verdades difíceis sobre o ambiente machista que é Hollywood.

ISSO MESMO,
"OS SIMPSONS"
"OS SIMPSONS"
"OS SIMPSONS"

GEORGE LUCAS

"Nell Scovell nos oferece um olhar nu e cru da vida de uma roteirista. Através da sua visão única, ela corajosamente confronta algumas verdades desconfortáveis da indústria cinematográfica e, de alguma forma, ainda consegue nos fazer rir durante o processo."

SHERYL SANDBERG

"Eu escrevi o Prefácio!"

TAMBÉM ESCREVEU
"FAÇA ACONTECER"

HARPER
COLLINS

Título original: *Just the Funny Parts*
Copyright © 2018 by Nell Scovell

Copyright da tradução © 2018 by Casa dos Livros
Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Casa dos Livros Editora LTDA. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copyright.

Rua da Quitanda, 86, sala 218 — Centro — 20091-005
Rio de Janeiro — RJ
Tel.: (21) 3175-1030

DIRETORA EDITORIAL
Raquel Cozer

GERENTE EDITORIAL
Alice Mello

EDITOR
Ulisses Teixeira

REVISÃO
Carolina Vaz

DIAGRAMAÇÃO
Julio Moreira | Equatorium

CAPA
Túlio Cerquize

PRODUÇÃO DE EBOOK
S2 Books

Copyrighted image

Toda boa história precisa de...

UM INÍCIO

Frances e Rubin Cohn
Rhoda e Louis Scovell

Cynthia e Mel Scovell

UM MEIO

Colin Summers

E UM FIM

Rudy Summers
Dexter Summers

Sumário

Capa

Folha de rosto

Créditos

Prefácio

Introdução

Estágio 1: Quem é essa tal de Nell Scovell?

Capítulo 1 - Todo personagem precisa de um passado

Capítulo 2 - Os esportes e a SPY

Capítulo 3 - A preparação

Capítulo 4 - A grande reviravolta

Capítulo 5 - A recompensa

Estágio 2: Me tragam Nell Scovell agora!

Capítulo 6 - Os Simpsons: fugu pra mim!

Capítulo 7 - Encontro com a grandeza: trabalhando com Letterman

Capítulo 8 - O encontro fofo

Capítulo 9 - Somos todos Oompa-Loompas

Capítulo 10 - Então, você quer ter um programa de TV

Estágio 3: Me tragam uma Nell Scovell mais nova e mais barata agora!

Capítulo 11 - A poesia está no fazer

Capítulo 12 - Aqueles que conseguiram escapar

Capítulo 13 - Sua filha de uma... roteirista!

Capítulo 14 - A montanha-russa que durou uma década

Estágio 4: Quem é essa tal de Nell Scovell?

Capítulo 15 - “Tudo pela fama”

Capítulo 16 - Quem eu estava esperando

Capítulo 17 - Lily Tomlin, o Kennedy Center... e um convidado surpresa

Capítulo 18 - Nosso presidente engraçado

Capítulo 19 - O quinto estágio da carreira de uma roteirista de Hollywood

Linha do tempo

Agradecimentos

Permissões

Prefácio

por Sheryl Sandberg

Durante décadas, os arqueólogos partiram do pressuposto de que as pinturas em cavernas eram obras de caçadores homens que queriam deixar registrados seus feitos dramáticos. No entanto, um estudo recente revelou um novo fato obscuro. Um pesquisador examinou as “assinaturas” deixadas pelas marcas das mãos dos artistas nas paredes e comparou o comprimento relativo dos dedos com o dos dedos humanos modernos. Os dados mostraram que 75% dos antigos pintores rupestres eram mulheres.

Essa revelação é fundamental para compreendermos a cultura humana pré-histórica. Ela também mostra que a última vez que as mulheres dominaram o campo das artes e do entretenimento foi há cerca de 20 mil anos.

A indústria do entretenimento é notoriamente dura com as mulheres. Mas, até aí, *todas* as indústrias são. Os desafios que Nell

enfrentou durante a sua carreira na TV serão familiares a muitas mulheres e reveladores a diversos homens. Nell superou esses obstáculos da mesma forma que a maioria das mulheres: trabalhando muito, assumindo riscos, construindo a sua carreira mais como um trepa-trapa do que como uma escada e tendo um parceiro que foi de fato um parceiro. Nell não apenas me ajudou a escrever *Faça acontecer*: ela viveu aquilo.

Quem diz que feministas não têm senso de humor nunca conheceu Nell. Seu humor afiado é uma das principais razões para eu pedir a colaboração dela em diversos momentos. A comédia melhora os bons momentos — e os ruins também. Enquanto trabalhávamos em *Faça acontecer*, Nell e eu encontramos maneiras de rir na cara das diferenças de gênero no ambiente de trabalho. E, enquanto trabalhávamos em *Plano B*, embora tenha sido muito difícil, achamos formas de rir na cara da morte. Uma das histórias mais irreverentes de *Plano B* envolve Nell no velório da sua amada mãe. Ela tem quatro irmãos e começou o discurso fúnebre segurando um envelope e dizendo: “Aqui está o nome do filho favorito da nossa mãe”.

O humor é um alívio. Ele quebra a tensão em situações estressantes. E este livro mostra que Nell esteve em *muitas* situações estressantes. Ela conhece a pressão de ser a roteirista no posto mais baixo de uma equipe de TV tão bem quanto a pressão de ser uma showrunner. ^[1] Amo o fato de ela estar transmitindo o conhecimento adquirido em três décadas de trabalho nas trincheiras. A voz de Nell é cheia de honestidade e sabedoria — mesmo quando, de vez em quando, treme de raiva.

O humor também pode nos dar esperança quando ela não existe, e é por isso que as mulheres *sempre* foram engraçadas — só nem sempre levaram o crédito por isso. Como defende Nell, se Larry David tivesse vivido na França do século XVIII e ouvido que os

plebeus não tinham pão, a resposta — “Que comam brioches!” — teria feito as pessoas caírem na risada. Mas quando Maria Antonieta disse o mesmo, cortaram a cabeça dela fora.

Como as pintoras rupestres trabalhando na obscuridade, as mulheres há muito labutam nos bastidores em Hollywood. Por isso é importante que roteiristas/diretoras como Nell se pronunciem. Sua história é inspiradora, não porque ela seja invencível, mas porque, quando *foi* derrotada, encontrou formas de continuar escrevendo, continuar sendo criativa, sem jamais perder o senso de humor.

Vi em primeira mão o comprometimento dela em apoiar e defender outras mulheres. Certa vez, Nell me contou sobre uma jovem roteirista de TV que a procurou para desabafar após uma reunião desoladora. A mulher disse que não aguentava mais tanta grosseria e rejeição. Estava cansada de competir pela “única vaga feminina” nas equipes de séries de comédia. Nell tentou incentivá-la e deu dicas de como lidar com a frustração. Uma semana depois, a jovem roteirista, animada, mandou um e-mail para ela.

“Você foi uma grande inspiração para que eu seguisse a carreira de roteirista”, escreveu. “Por isso, queria que fosse a primeira a saber que acabei de conseguir o meu primeiro trabalho numa equipe de roteiristas.”

A jovem mencionou o nome do projeto, que Nell reconheceu porque também estava concorrendo à “única vaga feminina”. Ela riu ao me contar essa história. Estava feliz de verdade pela colega.

Tanto Nell quanto eu ansiamos pelo dia em que não exista “roteiristas femininas” — só roteiristas. Compartilhamos uma crença de que, com um número igual de homens e mulheres à mesa onde as decisões são tomadas, este mundo será mais justo e melhor. E mais engraçado.

Introdução

O que não mata...

... permite que eu prepare a minha vingança.

— Lema pessoal

Copyrighted image
EM 1991, UM AMIGO ME CONTOU UMA PIADA QUE ME FEZ RIR E
LREMER DE medo ao mesmo tempo. Naquela época, eu
trabalhava na série de comédia *Coach* e estávamos
caminhando pelo terreno da Universal Studios, cujos arredores me
deixavam boquiaberta. A sala dos roteiristas ficava no antigo
camarim de Lucille Ball. A caminho do refeitório, eu passava pelo
bangalô de Alfred Hitchcock. Depois do almoço, às vezes entrava de
fininho no Estúdio 12 e visitava a sede do *Jurassic Park* original.
Naquele dia, meu amigo e eu estávamos indo para a área externa nos
fundos, para dar uma olhada na torre do relógio do filme *De volta
para o futuro*.

Eu estava animada com o meu próprio futuro. Embora os cinco
primeiros cargos que ocupei na TV tivessem acabado de forma

abrupta, minha carreira enfim estava decolando. Eu até tinha uma reunião marcada com um produtor que queria ouvir minhas “novas” ideias. Meu amigo, que tinha mais experiência na indústria, viu como eu estava animada e logo tratou de cortar o meu barato.

— Você conhece a piada sobre os quatro estágios da carreira de todo roteirista, né?

Balancei a cabeça. Ele começou a contar uma velha piada do show business, usando o meu nome para ilustrar.

Quais são os quatro estágios da carreira de todo roteirista de Hollywood?

Estágio 1: Quem é essa tal de Nell Scovell?

Estágio 2: Me tragam Nell Scovell agora!

Estágio 3: Me tragam uma Nell Scovell mais nova e mais barata agora!

Estágio 4: Quem é essa tal de Nell Scovell?

A piada funcionou como uma máquina do tempo DeLorean, e, na mesma hora, vislumbrei o desdobramento de toda a minha carreira. Apenas três anos antes, eu era uma desconhecida. Agora, estava pairando entre o Estágio 1 e o Estágio 2. Minha ascensão provavelmente significava que uma roteirista mais experiente estava sendo colocada para escanteio e, algum dia, essa roteirista experiente seria eu. Minha visão inovadora ficaria obsoleta, e eu voltaria à obscuridade.

A piada dos “quatro estágios” me faz rir há décadas. É tão engraçada quanto ser atacado por um urso em frente a uma placa que diz “Cuidado: ataques de ursos” é engraçado. É um alerta que nos

prepara para a tragédia ao mesmo tempo que não faz nada para evitá-la.

O Estágio 1 — Quem é essa tal de Nell Scovell? — é uma pergunta sobre a qual ponderei mais do que qualquer outra pessoa no mundo. Para quem nunca parou para pensar sobre o assunto, deixe-me contar em linhas gerais: Nell Scovell é uma roteirista, produtora e diretora de TV que trabalhou em séries populares como *Os Simpsons*, *NCIS* e *Late Night with David Letterman*, e também em cults clássicos como *Charmed*, *The Critic* e *MST3K*. Todos sabemos que “Sabrina” é o nome da aprendiz de feiticeira que protagonizava a série de sucesso da ABC nos anos 1990. Mas talvez você não saiba que o sobrenome dela era “Spellman” porque Irving Spellman era um dos amigos mais próximos do meu pai, e escolhi esse sobrenome mágico quando criei a série.

Olhando para minha carreira em retrospecto, me sinto sortuda, grata e todas as outras coisas que nós, mulheres, devemos sentir para que os outros gostem da gente. Mas eu me sinto sortuda e grata *de verdade*, porque a carreira média de um roteirista de TV dura cerca de onze anos, e eu consegui vencer essas probabilidades.

Meu primeiro emprego na TV podia muito bem ter sido o último. Eu tinha 26 anos quando voei de Nova York para Los Angeles para uma reunião com um produtor executivo sobre escrever um talk show noturno de comédia para o recém-criado canal FOX. Durante o voo, criei páginas de ideias e piadas para a reunião. Não precisava ter me dado ao trabalho. O produtor executivo falou sem parar, explicando seus planos de mesclar comédia e jornalismo, o que revolucionaria o formato dos talk shows noturnos. Depois de meia hora, ele terminou seu monólogo e me fez uma pergunta.

— Então, você topa se mudar para Los Angeles?

— Sim. — E, como finalmente tinha uma abertura, continuei: — Esbocei algumas ideias, se você quiser...

Ele não queria.

— Ótimo — falou, levantando-se da cadeira.

Ele disse que ligaria para o meu agente e que estava ansioso para trabalharmos juntos. Fui praticamente saltitando pelo estacionamento até o carro alugado. Tinha conseguido o emprego e aprendido a minha primeira lição sobre reuniões em Hollywood: quanto mais você deixar as pessoas falarem sobre si mesmas, mais elas vão gostar de você.

O programa contratou dez roteiristas, nove homens e eu. A dupla de roteiristas no escritório ao lado era hilária, e eu mal podia esperar para chegar ao trabalho todo dia e passar tempo com eles. Nós três fazíamos as refeições juntos, escrevíamos esquetes juntos e, depois do trabalho, jogávamos Imagem & Ação e pingue-pongue em miniatura. Era apenas o segundo emprego deles na TV e nós todos queríamos muito que o programa fosse um sucesso. Percebemos que, se o show fosse cancelado, nossas carreiras acabariam. Você provavelmente nunca ouviu falar no *The Wilton North Report*, mas aqueles roteiristas — Conan O'Brien e Greg Daniels — se deram bem. Greg cocriou *King of The Hill*, o *The Office* norte-americano e *Parks and Recreation*. Conan virou o Conan. Na verdade, ele sempre foi o Conan, mas a plateia dele aumentou para além do nosso corredor.

Cortesia autora

Copyrighted image

Com Conan O'Brien, 1986.

Historicamente, talk shows são desenvolvidos em torno de um apresentador carismático. Mas não o *The Wilton North Show*. Duas semanas antes de estrearmos, o produtor executivo ainda não tinha decidido quem ia preencher a posição. Ellen DeGeneres fez um teste e pareceu ao mesmo tempo amigável e mordaz, a apresentadora ideal, mas foi dispensada.

Em pânico, o produtor executivo mandou que Conan, Greg e eu fôssemos recrutar talentos em um clube de comédia. Nós três iniciamos uma conversa com Jay Leno, que, por acaso, estava matando tempo no saguão. Jay já era famoso como apresentador convidado do *Tonight Show*. Levaria mais dois anos até a NBC entregar as rédeas a ele... e mais dezessete até Jay entregá-las a Conan... e depois mais nove meses até Jay tomá-las de volta. Mas, naquela noite, Jay era a pessoa mais legal do mundo por bater papo

com três nerds de vinte e poucos anos. Em certo ponto, fiz um comentário sabichão, e Jay disse:

— Você é engraçada. Devia fazer stand-up.

— O quê, eu? Não! — respondi.

— Por que não?

— Porque sou escritora, não artista.

— Ah, que isso — provocou Jay, gesticulando em direção ao palco.

— Você não olha para aquelas pessoas e pensa: “Eu conseguiria fazer melhor”?

— Não. Olho para aquelas pessoas, até as ruins, e penso: “Caramba. Elas são muito corajosas.”

Jay olhou para mim e, com um *timing* perfeito, disse:

— Você não devia fazer stand-up.

A última coisa que eu queria era chamar atenção. Gloria Steinem disse uma vez: “Para mim, escrever era uma forma de ficar invisível, porque eu me sentia invisível, só um pouco vista através das palavras.” Concordo, mas apenas em parte: eu não me sentia invisível; sentia que estava me safando ao fazer uma coisa que não devia e, se ficasse bem quietinha no meu canto, me deixariam continuar. A discrição também combinava com a minha criação da Nova Inglaterra, em que você só deve ser mencionada nos jornais três vezes na vida: quando nasce, quando se casa e quando mata o seu marido. Ou algo assim.

Meu plano era astuto: ficar longe dos holofotes, mas perto da ação. E funcionou. Estive no tapete vermelho do Oscar enquanto Daniel Craig passava a centímetros de mim. Talvez eu tenha até encostado nas costas do smoking dele — a não ser que você ache isso esquisito; nesse caso, eu com certeza não encostei. Certa noite, sentei numa suíte de hotel com Mark Zuckerberg e Andy Samberg para criar uma piada de abertura engraçada para uma conferência do Facebook. E

joguei Transa, Casa ou Mata com Key e Peele durante uma entrevista para a *Vanity Fair* antes do Emmy Awards de 2015.

Cortesia: Bill Miller/Vanity Fair © 2015 Conde Nast

Copyrighted image

Minha carreira me deixou colocar palavras na boca de artistas icônicos como Bette Middler, Bob Newhart, Craig T. Nelson e Miss Piggy. Esses artistas fazem tudo ficar mais engraçado. É como ter Serena Williams como dupla de tênis. É só acertar o saque que ela vai fazer todo o resto.

E só porque você é invisível, não significa que não tem poder. Durante cinco anos, contribuí com piadas para o jantar de correspondentes da Casa Branca, incluindo uma, em 2012, em que o clímax era a marcação cênica “PISCAR”.

Cortesia autora

Copyrighted image

Naquela noite, fui responsável por fazer o líder do mundo livre piscar o olho direito. Por um nanossegundo, fui a pessoa mais poderosa do planeta. Claramente esse poder me subiu à cabeça, porque agora estou tirando minha capa da invisibilidade. Depois de uma carreira capturando outras vozes, é hora de mergulhar mais fundo na pergunta: “Quem é essa tal de Nell Scovell?” Já consigo até ouvir a conversa com um executivo de televisão:

Copyrighted image

A placa com que fui recebida no primeiro dia de um novo trabalho.

EXECUTIVO: *Precisa ser “Nell”? E se você transformasse “Nell” em “Neal”?*

EU: *E por que eu faria isso?*

EXECUTIVO: *Você quer que os homens leiam o seu livro, não quer?*

EU: *Quero.*

EXECUTIVO: *Então você precisa ter um protagonista masculino.*

Ajuda os caras a se identificarem. Ah, e talvez o Neal devesse curtir muay thai. Tá na moda. Pense nisso.

Ok, eu pensei. E, apesar de o Neal parecer mesmo incrível, a história dele não é assim tão incomum. Há pelo menos uma dezena de Neals que lutam muay thai e escrevem para a TV, mas, quando eu comecei, era difícil encontrar qualquer mulher que estivesse fazendo o que eu queria fazer. É por isso que, em 1988, fiquei tão animada quando um agente me apresentou a Marilyn Suzanne Miller, uma dentre as três roteiristas mulheres originais do *Saturday Night Live*. Marilyn concordou em me encontrar para um café perto do Gramercy Park, e eu estava ansiosa para mergulhar na sabedoria dela.

Ela ficou de óculos escuros durante todo o nosso encontro e, embora eu não me lembre das palavras exatas, o conselho dela basicamente se resumia a: *A televisão é um negócio terrível. Você vai ter sorte se ela não destruir você. Corra. Fuja enquanto há tempo.*

Saí do café abalada. Eu me lembro de pensar que, se algum dia eu estivesse em posição de falar com jovens escritoras, não as desencorajaria tanto. Além do mais, minha experiência seria diferente da dela. Marilyn tinha precisado romper barreiras. Agora, em parte graças a ela, estávamos uma década mais próximas da igualdade. Se obstáculos bloqueassem o meu caminho, eu os

removeria. Se pessoas bloqueassem meu o caminho, eu provaria que elas estavam erradas. Eu subiria a escada corporativa lutando com unhas e dentes.

Trinta anos depois, quero agradecer a Marilyn por ter tentado me avisar. Ela tinha razão. Eu logo descobri que, em Hollywood, as barreiras são feitas daquele metal do Exterminador do Futuro que se espatifa para depois se reconstituir e criar uma nova forma. Até cheguei a pensar em chamar este livro de *Só as partes cheias de raiva e amargura*, mas queria manter a promessa de não desencorajar as pessoas. Além disso, o livro acabaria ficando com oito volumes.

A televisão pode ser um negócio horrível, mas o meu conselho é: não desista.

Algumas vezes, tive vontade de largar tudo, como durante a última semana dirigindo o meu segundo filme. Estávamos numa associação de mulheres em Vancouver, gravando um filme de baixo orçamento para TV a cabo que tinha escrito com a minha irmã Claire. Depois de uma manhã difícil, voltamos do almoço e a filmagem degringolou. Três horas depois, a produção estava duas horas e meia atrasada. Durante uma pausa, encontrei um armário para me esconder e chorei. Liguei para o meu amigo Jesse Dylan e, soluçando, expliquei que parecia que o diretor de fotografia estava me sabotando e que eu não sabia mais o que fazer.

Jesse é um diretor experiente, então eu esperava que ele me desse algum conselho prático, do tipo *Coloque os atores um do lado do outro. Seja firme*. Em vez disso, ele falou duas palavras que mudaram tudo.

— Caia lutando.

Era exatamente o que eu precisava ouvir. Saí daquele armário e voltei ao set para dar o meu melhor apesar da situação em que eu estava.

Penso com frequência no conselho de Jesse. Em Hollywood ou você sobe lutando, ou cai lutando. O importante é não parar de lutar. Agora, de volta às partes engraçadas.

Estágio 1

**QUEM É ESSA TAL
DE NELL SCOVELL?**

CAPÍTULO 1

Todo personagem precisa de um passado

P: Qual era o dinossauro mais inteligente do mundo?

R: O Thesaurus.

— Primeira piada que me lembro de ter escrito,
lá pela quinta série.

Copyrighted image
J NASCI NO LYING-IN HOSPITAL, EM BOSTON, NA TERÇA-FEIRA, 8 DE NOVEMBRO de 1960. Na quarta, todo o estado de Massachusetts comemorou. Esses dois eventos não estão conectados. No meu aniversário, John F. Kennedy, cria de Boston, derrotou o suarento Richard M. Nixon nas urnas. Kennedy se tornou o presidente mais jovem já eleito e aquele dia marcou uma mudança cultural que levou ao movimento hippie, ao movimento dos direitos civis, à revolução feminista, à revolução sexual e à ascensão da cultura pop. Mas tenho certeza de que você também tem um dia de aniversário legal.

Três dos meus quatro avôs imigraram para os Estados Unidos no início dos anos 1900. Meu avô paterno, Louis Scovell, fugiu de Smorgon, da Bielorrússia, ainda adolescente, e entrou no país por Ellis Island. Louis costumava contar histórias sobre sua adolescência na “velha terra” e sobre ter que levar as vacas de volta ao celeiro enquanto balas alemãs passavam zunindo sobre a sua cabeça. Eu vou contar para os meus netos sobre ser forçada a participar das aulas de educação física no ensino fundamental enquanto usava um uniforme de lycra com listras horizontais. Vejam, eu também sofri.

Cortesia autora

Copyrighted image

Louis tinha pouca instrução, mas inteligência de sobra. Casou-se com Rhoda Orentlicher, dos Orentlicher de Tarnopol, que foi para os Estados Unidos aos 4 anos. Ao longo dos séculos, os Tarnopol viveram entre a Polônia e a Áustria e, como Rhoda gostava de livros e música, preferia se identificar como austríaca. Meu pai, Mel, costumava brincar que, a cada ano, o local de nascimento da mãe ficava mais perto de Viena, até, no fim, estar dentro dos limites da cidade. A casa da minha avó seguia regras kosher, mas Louis amava tanto bacon que convenceu um médico a escrever uma prescrição dizendo que o alimento era necessário para sua saúde. Eu disse que ele era inteligente.

Meu avô materno, Rubin Cohn, nasceu em Londres, o que soa elegante até você descobrir que sua mãe polonesa deu à luz enquanto esperava para embarcar num navio para Nova York. Buddy (como nós o chamávamos) foi criado no Greenwich Village e aceitava qualquer emprego disponível: enrolar charutos, vender sapatos... Por fim, se tornou fabricante de chapéus. A esposa de Buddy, Frances Cohen, nasceu no Brooklyn, embora nunca tenha sabido a data exata, então comemorávamos o aniversário dela no Dia de Ação de Graças. Os pais a colocaram para trabalhar ainda criança, costurando apliques em vestidos, o que faz dela uma das primeiras “gurus de estilo de vida artesanal” do Brooklyn. Frances amava ciências e sonhava em estudar medicina. O mais perto que conseguiu foi se tornar pedicure, lixando calos e tratando unhas encravadas na Park Avenue.

Louis entrou no ramo dos sapatos, e ele e Rhoda se instalaram na cidade operária de Brockton, Massachusetts, onde meu pai nasceu. Brockton produziu dois boxeadores mundialmente famosos, Rocky

Marciano e Marvelous Marvin Hagler, provando que as pessoas preferem levar socos na cara a ficar em Brockton. Minha mãe, Cynthia, apelidada de Sooky, nasceu na cidade industrial de Fall River, Massachusetts, e era igualmente durona. Como vários americanos de primeira geração, meus pais descobriram que a chave para a mobilidade social era (1) não viver na Europa durante o reinado de Hitler e (2) focar em educação. Em 1951, Mel tinha se formado em Yale e estava postado no Fort Eustis, próximo à College of William & Mary, faculdade onde Sooky estudava matemática. Mel diz que eles se conheceram porque “eram os dois únicos judeus na Virgínia”.

Sooky se apaixonou por Mel porque ele a fazia rir. Sooky fazia Mel se sentir amado. Menos de um ano depois, eles se casaram e se mudaram para a região de Boston. Em oito anos, tiveram cinco filhos: Julie, Alice, eu, Ted e Claire. Talvez você tenha notado que estou bem no meio. É, eu também notei.

Nós cinco éramos um grupo fechado, todos estudiosos e só um pouco menos neuróticos que a família Glass, de J.D. Salinger. A gente se amava muito, e a forma de expressar esse amor era através de provocações constantes e incessantes. Zoávamos uma das irmãs por ter uma cabeça pequena (ela não tem) e outra por ter alergias (eu tenho — me deixem em paz). Inventávamos músicas como a “Eu estou sempre certo”, cantada com a melodia da “Grande valse brillante” de Chopin e letras que diziam: “Eu estou sempre certo. Você está sempre errado”. Quando construía fortes de neve no quintal, meu irmão Ted gostava de bloquear o caminho das irmãs que precisavam entrar em casa para fazer xixi. Aí, ele nos fazia rir até não dar mais para segurar. Éramos implacavelmente cruéis e, ainda assim, completamente devotados uns aos outros. Foi o melhor

treinamento possível para uma carreira numa sala de roteiristas de TV.

Meus pais nos deram uma infância confortável e tranquila. A gente se mudou só uma vez — oito *enormes* quilômetros, de Belmont para Newton. Às vezes, acho que a minha criação estável me deixa em desvantagem na minha profissão. Tenho um pouco de inveja dos escritores que vêm de famílias góticas sulistas cheias de alcoólatras e vampiros. A primeira vez que encontrei a lenda da comédia Merrill Markoe, ela me pediu para contribuir com um projeto paralelo onde compilava histórias de mulheres com mães narcisistas.

— Por que acha que posso ajudar você? — perguntei.

— Bom, você é engraçada. E várias das minhas amigas engraçadas tiveram mães que só pensavam em si mesmas.

— Sinto muito em te decepcionar — falei. — Mas tive a mãe mais legal e afetuosa do mundo.

Sooky era alegre, prestativa e minha defensora mais leal. Quando eu estava no terceiro ano do fundamental, a professora reclamou, durante uma reunião de pais e professores, que eu fazia piadas demais durante a aula. Pediu para minha mãe conversar comigo. Ela disse que passaria o recado. E passou...

No meu aniversário de 40 anos.

Minha mãe esperou *trinta e dois* anos, até eu ser uma roteirista de comédia estabelecida, para dizer que a minha professora da terceira série tinha sérias críticas sobre minha personalidade. Sooky encontrou uma forma de proteger sem sufocar. Seu amor incondicional é um dos motivos pelos quais consegui aguentar tanta crítica e rejeição ao longo dos anos. Ela é minha cicatriz de Harry Potter.

Sooky morreu em 2004, aos 72 anos, de câncer pancreático. No funeral dela, falei sobre como nunca a vi envergonhada. É porque,

para sentir vergonha, é preciso desejar ser visto de uma forma particular... e, então, fracassar. Minha mãe nunca fingiu ser algo que não era. Nada era falso nela. Basicamente, ela era a antítese de Hollywood.

Se minha mãe oferecia apoio, meu pai oferecia desafio. Mel gostava que os filhos tirassem boas notas. E quando não tirávamos? Tínhamos medo demais para descobrir. A filosofia de vida dele era clara: seja lógico, seja ético, seja honesto. Mentiras não eram toleradas na minha família, nem mesmo as inocentes. Eis aqui uma conversa verdadeira que tive com meu pai depois de mandar para ele, por e-mail, uma caricatura minha publicada na *Vanity Fair*.

Cortesia de Sussex Publishers LLC

Copyrighted image

EU: Ei, recebeu a caricatura que eu mandei?

PAI: Sim, eu vi. (*longa pausa*) Não é muito bonita, mas parece com você.

A honestidade completa é uma forma bastante admirável de criar os filhos até um deles decidir trabalhar nas indústrias televisiva e cinematográfica. Então, esse filho ou essa filha vai ser pego de surpresa. O bombardeio constante de mentiras na indústria do entretenimento me confundiu e me amedrontou, sobretudo no

começo. No final, entendi: se alguma coisa parece uma boa notícia, é porque provavelmente é mentira.

As oito mentiras que roteiristas escutam o tempo todo

1. Vou ler o seu roteiro no fim de semana.
2. Isso é genial! Só temos algumas observações.
3. Se formos contratar alguém, vai ser você.
4. Olha, a série é sua... a visão é sua.
5. Não podemos te pagar, mas vai ser uma boa exposição.
6. Não tem nada de interessante acontecendo na cidade agora.
7. Estamos procurando alguém que consiga pensar de forma inovadora.
8. Queremos uma protagonista feminina forte.

Minha tendência para falar a verdade definitivamente prejudicou a minha carreira. No início dos anos 1990, tive uma reunião com um produtor que tinha os direitos para transformar uma antiga série de TV em um filme. O produtor comentou que queria Jim Belushi como protagonista. Minha poker face horrível me denunciou.

— Você não gosta dele?

— Não muito — falei, com sinceridade. — Nunca achei que ele tivesse nem metade do talento do irmão.

O produtor abriu os braços, sem acreditar.

— Olha só quem está cagando na cabeça do Jim Belushi!

Não consegui o trabalho, mas meu pai teria ficado orgulhoso.

Quando era criança, muitas vezes eu me sentava no braço da poltrona reclinável de Mel e o ajudava a resolver palavras cruzadas inglesas, decifrando anagramas e trocadilhos. Meu pai amava jogos

que envolviam palavras. Dirigindo numa rodovia no início dos anos 1970, Mel, de repente, falou para o banco de trás:

— Crianças, o que a namorada do Tom, do Tom & Jerry, fala para ele quando passa perfume?

Não tínhamos ideia do que ele estava falando. Então, Mel apontou para um letreiro de hotel distante: Sheraton. (“*Cheira, Tom.*”)

Meu pai também me transmitiu seu amor por ficção científica. Durante os verões, minhas irmãs devoravam Charlotte Brontë e Jane Austen, enquanto eu me sentava em uma poltrona turquesa e lia Ray Bradbury e Philip K. Dick. Na faculdade, fiz uma aula de pesquisa independente sobre romances de fantasia com Thomas Shippey, professor visitante do Reino Unido, apelidado de “o último pupilo de Tolkien”. O professor Shippey era, inclusive, amigo de Harry Harrison, que escreveu *Make Room! Make Room!*, o livro em que o filme *Soylent Green — No mundo de 2020* se baseou. Eu achava isso a coisa mais legal do mundo. Só não foi legal quando o professor Shippey mencionou que escrevia ficção sob um pseudônimo.

— Qual? — perguntei. — Quero ler.

— Não posso dizer.

— Por que não?

— Porque os livros são bem machistas.

Meu amor pela ficção científica se estendia às séries de TV, incluindo o *Jornada nas estrelas* original e *Além da imaginação*. Também memorizei a desafiadora declaração do Número Seis em *O prisioneiro*: “Não vou ser empurrado, arquivado, carimbado, indexado, instruído, interrogado ou numerado. Minha vida é minha.” Aquilo fazia o meu pequeno coração adolescente bater mais rápido. Na verdade, faz o meu coração de mais de 50 anos bater mais rápido, também.

Nos fins de semana, meus irmãos e eu assistíamos às comédias loucas em preto e branco dos anos 1930 e 1940. Adorávamos a série de filmes inaugurada com *A ceia dos acusados* e os Irmãos Marx. Groucho, Harpo e Chico eram agentes do caos, tendiam a começar a cantar de repente e eram irmãos que irritavam uns aos outros. Não era à toa que os amávamos. Também tivemos a sorte de crescer quando Woody Allen namorava Diane Keaton e não um membro da própria família. Mel nos levou ao cinema para ver *O dorminhoco* e, o meu favorito, *A última noite de Boris Grushenko*. No entanto, para bobeira pura, a melhor coisa era *O jovem Frankenstein*. A esquisitice gentil de Gene Wilder complementava a irreverência colossal de Mel Brooks. *O jovem Frankenstein* também tinha Teri Garr e Madeline Kahn, que eram adoráveis e hilárias. Anos mais tarde, tive a oportunidade de sair com Teri e vi alguns amigos lhe oferecerem um baseado.

— Não, obrigada — disse ela. — Minha droga é a vida.

A maioria dos livros de memórias de Hollywood contam fofocas sobre celebridades usando drogas. Estou escolhendo um rumo diferente.

No início da minha adolescência, duas novas séries de esquetes de comédia começaram a passar na TV, e eu soube que elas eram especiais porque os meus pais as consideravam esquisitas. *Monty Python's Flying Circus* misturava o intelectual e o inculto, e memorizei esquetes sobre filósofos bêbados, ex-papagaios e argumentos sobre argumentos. Apenas um punhado de amigos entendia aquele humor, e isso nos unia. Na escola, nos cumprimentávamos:

— Olá, senhora Premissa.

— Olá, senhora Conclusão.

O *Saturday Night Live* era bem mais popular, e estreou em outubro do meu primeiro ano no ensino médio. Nos tempos anteriores ao YouTube, se você quisesse entender por que a molecada não parava de falar sobre “tubarões de terra” na segunda-feira, tinha que ficar acordado até a madrugada de sábado. A sensibilidade do Monty Python me atraía mais, mas o *SNL* tinha algo que a trupe britânica não tinha: mulheres engraçadas. O primeiro elenco do *SNL* incluía três mulheres e quatro homens — algo inédito para a época. Eu admirava Gilda Radner, a *manic pixie dream girl* original, mas idolatrava Jane Curtin, mais dura e careta. Ela se garantia ao lado de Dan Aykroyd e, até vestida de alienígena, parecia estranhamente real.

Mais próximas de mim, minhas tias Jane e Pinky — irmãs de Mel — sempre faziam todo mundo gargalhar. A tia Jane gostava de ópera, balé e piadas de peido. E não tinha medo de ser vulgar. Certa vez, numa reunião de família, ela se aproximou e disse para mim:

— Ei, tenho uma piada para você. Mabel e Molly estão em cadeiras de balanço na varanda da casa de repouso. — Ela fez uma voz de velhinha melancólica. — Mabel, você se lembra do que é homogamia? — Depois, numa voz mais rouca: — Molly, eu não me lembro nem do que é monogamia.

Demorei quinze anos para entender aquela piada.

O humor da tia Pinky era mais sombrio. Uma vez, minha irmã Alice estava jogada no sofá lendo *Mulherzinhas* quando Pinky passou, cutucou o ombro dela e disse:

— Não se apegue muito a Beth.

Jane e Pinky foram exemplos para mim desde cedo e um dos motivos pelos quais eu sempre soube que mulheres eram tão engraçadas quanto homens. Durante a minha infância, nunca vi provas do contrário. Quem é mais engraçada que Jean Hagen em

Cantando na chuva? Ou mais cômica que Myrna Loy enfileirando martinis em *A ceia dos acusados*? Eu comemorei quando Johnny Carson entrou de férias e Joan Rivers foi a apresentadora convidada do *Tonight Show*. E, claro, Bob Newhart era estrela do *Bob Newhart Show*, mas as coapresentadoras Suzanne Pleshette e Marcia Wallace o superavam o tempo todo.

A capacidade de fazer as pessoas rirem não está ligada a nenhuma característica física, incluindo cor da pele, cor do cabelo, tamanho do nariz, tamanho do pênis ou a falta dele. Pessoas de todas as religiões podem ser engraçadas, especialmente quando estão fazendo piada com a própria religião. Gays *de fato* parecem ser um pouco mais engraçados que héteros, mas talvez os héteros entrem em armários e contem piadas. Para mim, Kurt Vonnegut resumiu tudo em sete palavras: “Algumas pessoas são engraçadas. Algumas não são.”

Eu tive a sorte de estar sempre cercada de pessoas engraçadas desde que nasci. Ainda assim, fazer comentários espertinhos era visto como um hobby, não como uma profissão. Meu pai é hilário... e administrava centros de saúde beneficentes em comunidades de baixa renda. A tia Pinky era a pessoa mais sarcástica que conheci... e era pesquisadora da Columbia University. Minha própria carreira apontava em duas direções: médica ou advogada. Como minha avó queria ter estudado medicina, mas não pôde seguir esse sonho, fui à faculdade planejando conquistá-lo por ela. Um professor assistente na minha aula de Introdução à Biologia disse:

— Olha, não vai rolar.

Uma nota sete na aula de ciências mais fácil do primeiro ano destruiu qualquer esperança de eu virar cirurgiã. Agora, sempre digo a estudantes de ensino médio:

— Não sigam seus sonhos; sigam seus talentos.

Escrever era muito mais fácil para mim do que aprender ciências. Me voltei a isso, então, embora ainda brinque de cirurgiã uma vez por ano. Todo Dia de Ação de Graças, insisto em cortar o peru. Até hoje, não salvei nenhum paciente.

CAPÍTULO 2

Os esportes e a SPY

Escrever é a coisa mais difícil de fazer e a mais fácil de criticar.

— Irving Brecher, roteirista indicado ao Oscar

Copyrighted Image

EM TODOS OS DEBATES SOBRE ESCREVER PARA TV DE QUE JÁ PARTICIPEI, alguém da plateia invariavelmente pergunta:

— Como você começou?

Invariavelmente, respondo:

— Essa é uma péssima pergunta.

Em geral, recebo risadas constrangidas, porque ninguém está esperando que a moça legal do debate seja tão grossa. Respondo de forma direta para impressionar, mas depois, explico que, se você perguntar a mil escritores diferentes “Como você começou?”, receberá mil respostas diferentes. Mas, se perguntar a mil escritores diferentes “*Por que* você começou?”, receberá a mesma resposta: porque escrevemos.

A carreira de um escritor ou roteirista começa muito antes de conseguirmos o primeiro trabalho ou agente. Dispor palavras de

maneiras divertidas pode ter muitas formas: ensaios, peças, stand-up, esquetes, poesia, artigos de revistas, canções e tuítes. Dizem por aí que “um escritor escreve”, mas isso é só o começo. Um escritor escreve... *para caramba...* e, depois, compartilha o trabalho com os outros.

Minha amiga Amy Hohn descreveu o processo de maneira perfeita. Um dia, durante uma longa caminhada pelo Central Park, ela disse:

— A única forma de avançar criativamente é se permitir ser julgado.

Parei na hora e catei uma caneta para poder anotar essa observação. Cheguei a pensar em tatuá-la, talvez em caracteres chineses, se ficar mais curto.

A escrita não é o que você começa. Não é nem o que você termina. É o que você começa, termina e divulga para o mundo ver. Às vezes, temos medo de compartilhar nosso trabalho porque sabemos que aqueles gêmeos babacas — a crítica e a rejeição — estão lá, só esperando para meter a porrada na gente. Quando o ataque começa, há três reações possíveis: (1) correr dos babacas; (2) se defender dos babacas; (3) ficar parado e dizer: “Obrigado, senhor, pode continuar.” A terceira opção dói bastante, mas os babacas, em geral, têm críticas úteis.

Alguns escritores têm medo da página em branco. Para mim, isso é como ter medo de um prato de ração de cachorro vazio — a página é só uma coisa que você enche todos os dias. Outros escritores insistem: “Odeio escrever... mas amo *ter escrito*.” Eu sou a esquisita que adora o processo da escrita, sobretudo naqueles momentos em que entro no fluxo e fico totalmente absorvida pelo projeto. Como filha do meio, era difícil me fazer ouvir, então, poder me expressar sem interrupções era um luxo para mim.

Aos 11 anos, trabalhando na mesa da cozinha em um artigo sobre marsupiais. Você sabia que o pênis de um gambá é bifurcado como um garfo de churrasco?

John Irving observou: “Antes de conseguir escrever algo, você precisa notar algo.” Isso pode explicar por que eu inicialmente fui atraída para o jornalismo. Reportagens têm tudo a ver com notar detalhes. No ensino médio, me tornei editora de notícias do *Denebola*, o jornal de nome esquisito da Newton South High School. Quando cheguei à faculdade, estava ansiosa para continuar pelo caminho do jornalismo sério.

Na segunda semana do meu primeiro ano, entrei no prédio de pedra e tijolo do *The Harvard Crimson*, onde um grupo tinha se reunido para competir por vagas na equipe do jornal. Editores falavam para o grupo, promovendo as suas editorias: notícias, opinião, a revista de arte. Um aluno de último ano vestindo um sobretudo amarrotado e segurando um charuto pediu a palavra. Ele parecia estar fazendo um teste para o papel de Oscar Madison numa produção teatral amadora de *The Odd Couple*. Foi um teste curto. Ele só falou duas frases: “Olha, quem for descolado, preste atenção. Vamos falar sobre escrever sobre esportes.”

Um alarme soou na minha cabeça.

Eu nunca tinha sido descolada na vida e alguém tinha acabado de me oferecer uma oportunidade de mudar isso. Escrever sobre esportes também não seria tão difícil para mim. Eu tinha sido treinadora do time de atletismo masculino no colégio e meu irmão era um dos melhores jogadores de tênis da Nova Inglaterra. Ser fã de esportes em Boston era fácil no final dos anos 1960 e nos 1970. Os Bruins foram campeões do mundo. Os Celtics foram campeões do mundo. O Red Sox (quase) foi campeão do mundo. Os Boston Patriots não foram os campeões que os New England Patriots são hoje, mas eu gostava do *quarterback* Jim Plunkett. Aceitei a oferta do Oscar Madison da produção teatral amadora. Fiquei por perto e me tornei repórter esportiva. Ainda estou esperando o momento em que me tornarei descolada.

Essa decisão foi tomada de forma impulsiva e continua sendo uma das melhores da minha vida. Cobrir notícias do cotidiano não era para mim. Sempre senti que estava brincando de ser séria. Meus colegas superinteligentes do *Crimson*, como Nicholas Kristof, Susan Chira e David Sanger, relatavam protestos contra o apartheid, enquanto eu passava os fins de semana de outono às margens do rio

Charles, cobrindo equipes de remo que deslizavam por pontes perfeitamente arqueadas enquanto o sol brilhava nas folhas vermelhas e douradas. Quem é superinteligente agora?

O editor de esportes, John Donley, me ensinou que o placar final de um jogo era o gancho da notícia, mas a história de verdade era sobre os jogadores em campo e a rivalidade entre os times. Competição é algo profundamente emocional. Não tem a ver só com ganhar ou perder; é a *emoção* da vitória e a *agonia* da derrota. Para um dos meus primeiros trabalhos da faculdade, entrevistei o ator Tommy Lee Jones, que tinha jogado na linha ofensiva da lendária equipe de futebol americano de Harvard de 1968, que conseguiu virar um jogo contra Yale fazendo dezesseis pontos nos últimos 43 segundos. A manchete do *Crimson*, no dia seguinte, anunciava: *Harvard derrota Yale 29-29*. No décimo aniversário do “Jogo”, falei com Jones sobre o que aquilo significava.

— Encerrar minha carreira com aquele jogo contra Yale foi como morrer e ir para o céu — disse ele.

Isso é drama nível *O fugitivo*.

Repórteres esportivos jovens e inexperientes eram ensinados a se esforçar no primeiro parágrafo — o lide —, onde o objetivo é informar e divertir. Uma vez, quando eu estava cobrindo um evento regional de atletismo, o time masculino empatou em segundo lugar, e o lide perfeito surgiu na minha mente. De volta ao prédio do *Crimson*, sorri enquanto digitava a minha abertura matadora, que usava uma velha piada. Escrevi:

Se empatar em primeiro lugar é como beijar a sua irmã, empatar em segundo é como beijá-la na boca.

Terminei a matéria e a entreguei ao editor. Ele leu o lide e ergueu os olhos para mim.

— Isso é uma piada?

Assenti.

— Boa, né?

— Não. É de muito mau gosto.

Eu o vi riscar meu lide com a caneta.

— O que está fazendo? — gritei.

— Não podemos imprimir isso.

O editor e eu discutimos sobre o que era apropriado. Eu perdi. O fato de não conseguir entender o argumento dele sobre o mau gosto da frase foi um dos primeiros sinais de que eu talvez fosse mais adequada para a comédia que para o jornalismo. Acredito de verdade que, se você é um escritor de comédia e nunca ouviu “Você foi longe demais”, significa que não foi longe o suficiente. Também acredito que se você ouve “Você foi longe demais” o tempo todo, talvez você seja um babaca.

Meus colegas no “cubículo dos esportes” — como era chamado o nosso minúsculo escritório — eram divertidos e solidários. Eu subi na hierarquia e, no segundo ano, virei uma de três editores assistentes de esportes que se reportavam ao recém-coroadado editor do setor, Jeffrey Toobin. Jeff, hoje, é analista legal da CNN, autor best-seller e uma das pessoas mais divertidas do planeta. Ele ainda ama esportes. Em 2008, Jeff estava comentando um debate vice-presidencial e foi pego no flagra quando telespectadores com olhos de águia o viram assistindo a um jogo da National League no laptop. Mas, gente, era um debate para *vice*-presidentes.

No terceiro ano, pensei sobre escrever comédia e fui a uma reunião de apresentação da *The Harvard Lampoon*. Os escritórios da revista de humor eram escuros e um pouco fedidos, até mesmo para

uma universitária. O editor da *Lampoon* que estava liderando as entrevistas para a vaga era intimidadoramente alto e tinha uma cabeça enorme. As instruções dele pareciam criadas para nos assustar. Os “competidores” teriam que entregar três textos, que seriam jogados no chão. Editores do *Lampoon*, então, os leriam e escreveriam comentários no verso, onde as críticas podiam ser vistas por todos. O potencial de humilhação pública parecia alto, mas acha mesmo que eu ia deixar isso me impedir de seguir os meus sonhos?

Sim. Sim, eu deixei. Nunca mais voltei a *Lampoon*. Mais de uma década depois, estava conversando com Jeff Martin, então roteirista de *Os Simpsons*, e descobrimos que tínhamos sido da mesma turma de faculdade e não nos conhecíamos.

— Você devia ter entrado na *Lampoon* — disse ele, com entusiasmo. — A gente teria te amado.

Fiquei emocionada, mas depois notei que ele era intimidadoramente alto e tinha uma cabeça enorme. Era ele o entrevistador que tanto me assustou. Agora, Jeff não parecia nem um pouco assustador. Eu fui boba, na faculdade, de não tentar. Hesitei frente ao julgamento e não avancei criativamente.

No início do último ano, meu plano era me jogar na escrita de uma tese sobre “A influência de Eclesiastes na literatura americana do início do século XX”. Por sorte, uma ligação em agosto mudou meus planos.

Do nada, um editor de esportes do *Boston Globe* me encontrou enquanto eu ainda estava em casa, em Newton. Ele tinha lido algumas das minhas matérias no *Crimson* e queria saber se eu estava interessada em entrar para uma equipe de quatro estudantes universitários cobrindo esportes dos colégios locais para o jornal da cidade. Foi como ser convocada para a liga principal. Larguei Eclesiastes e me profissionalizei.

Os outros três “estudantes universitários” estavam matriculados na Northeastern University. Depois, descobri que uma quarta aluna da NU tinha sido selecionada, mas desistira na última hora. Quando aquela primeira escolha deu errado, teria sido fácil para os editores dizerem: “Bom, tentamos ter diversidade” e contratar outro homem. Mas não fizeram isso. E sempre que ouço um produtor de TV falar: “Adorariamos ter mais roteiristas mulheres, mas não conseguimos encontrar nenhuma”, minha resposta é: “Vocês não estão procurando direito.” Vince Doria, chefe da cobertura de esportes premiada do *Globe* nos anos 1980, não fez apenas um esforço, ele fez a diferença.

Numa semana típica no *Globe*, eu podia escrever tanto um resumo sobre hóquei sobre grama quanto um perfil de um corredor de cross country. Todo sábado, eu cobria um jogo de futebol americano em algum colégio de uma cidade remota no Massachusetts. Passava a semana em um curso relâmpago sobre a história do futebol americano da cidade, depois congelava assistindo ao jogo enquanto os meus colegas estavam nos seus dormitórios se recuperando da ressaca de sexta. Os prazos eram cruéis. Dirigindo de volta à redação, eu começava a compor o texto na minha cabeça. Uma vez, entrei cantando pneu no estacionamento do *Globe*, estacionei meu Ford azul, saí, bati a porta e, aí, notei as chaves penduradas na ignição. Olhei horrorizada por um segundo antes de perceber que não tinha tempo para pensar no quanto era idiota. Corri para o prédio para entregar a matéria.

Trabalhar no *Globe* me ensinou a falar palavrão, engolir café ruim e encontrar cidades em Massachusetts que nem estão no Google Maps. Era um privilégio sentar a algumas mesas de distância de repórteres esportivos de primeira linha como Will McDonough, Lesley Visser e Leigh Montville. A maioria dos repórteres em tempo

integral do *Globe* ignorava os correspondentes universitários, mas o veterano Mike Madden costumava parar à minha mesa para me incentivar. Um dia, ele me deu um ótimo conselho sobre jornalismo.

— Se especialize — disse. — Sempre haverá repórteres melhores que você por aí, mas, se você for especialista num assunto e aquele assunto surgir, vão ligar para você.

Mais ou menos uma semana depois, ele parou de novo à minha mesa.

— Eu estava pensando que nunca vi uma mulher na cabine de imprensa de lutas de boxe. — Ele me entregou um flyer de um evento de boxe local. — Seria uma boa especialização. Você devia tentar.

Senti que ele estava certo, mas o boxe não era para mim. Em todos os esportes que eu gostava, os atletas eram penalizados por socar os adversários. Joguei o flyer fora e, depois, vi o boxe explodir em popularidade na segunda metade dos anos 1980. Se eu tivesse aceitado o conselho de Mike e começado a estudar o assunto em 1981, teria estado na posição perfeita.

Havia outro problema. Escrever sobre esportes tinha começado a perder o apelo para mim. Meu editor direto no *Globe* era um cara do tipo “se atenha aos fatos, madame”, que não estava atrás de um lide inteligente. Depois de me formar na faculdade, eu esperava encontrar um editor que apreciasse humor.

Eu me mudei para Nova York e aceitei um emprego como secretária executiva, atendendo aos telefonemas de um CEO da lista dos 500 mais ricos da *Forbes*. Aceitava qualquer trabalho de redação que aparecia, incluindo a minha primeira matéria paga em uma revista, a *Cosmopolitan*. Helen Gurley Brown ainda estava à frente, e ela me encomendou um ensaio: “Minhas três semanas medonhas com um amante de terceira categoria”. Guardei quase tudo que

escrevi no início, mas, por algum motivo, essa matéria se perdeu no tempo. Não foi um acidente.

Minha carreira de escrita demorou a decolar, porque adquiri um hábito infeliz quando tinha 20 e poucos anos. Algumas pessoas passam os anos pós-faculdade em meio a uma névoa de fumaça de maconha; eu gostava de me casar. Fiz isso duas vezes. E me divorciei duas vezes. Tudo antes dos 26. Acho que você poderia me chamar de romântica. Falando sério, só uma pessoa muito romântica se jogaria em um segundo casamento apenas seis meses depois do primeiro fracassar.

Meu primeiro marido foi meu namorado da faculdade e era aluno do segundo ano de direito na NYU. Ele era brilhante, gentil e sabia *exatamente* o que queria fazer da vida. Eu tinha 22 anos e estava tendo dificuldades com isso. Quando ele foi selecionado para um emprego em um escritório prestigioso, larguei meu trabalho de secretária executiva e me mudei para a capital do país vários meses antes dele. Acabei aceitando um trabalho que pagava mal respondendo a cartas de eleitores para um deputado de Massachusetts. O trabalho era sério e eu estava infeliz. O casamento acabou. Quando ele chegou a Washington, eu já tinha voltado para Nova York.

Sentindo-me incerta sobre a vida, comecei a sair com o filho do CEO para quem eu trabalhava. A gente se via bastante no escritório e se dava muito bem. Ele tinha sete anos a mais que eu e queria muito se casar. Na ansiedade de corrigir o meu primeiro erro matrimonial, cometi um erro ainda maior.

O segundo casamento foi problemático desde o início. Fizemos a cerimônia dos votos na casa da minha família em Newton e depois voamos para Nantucket para uma lua de mel curta, de um fim de semana, com uma viagem mais longa para a China planejada para o

outono. Acordei na manhã seguinte numa pousadinha pitoresca, com o som do meu novo marido andando de lá para cá. Tá, ele estava pisando duro mesmo.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntei.

— Tenho que ir embora desta ilha! — disse ele, agitado. — Estou sufocando!

Uma belíssima metáfora.

Sáimos de Nantucket e dirigimos pela Nova Inglaterra por dois dias sem destino. Foi uma loucura. *As aventuras de Buckaroo Banzai* tinha sido lançado uns anos antes, e a minha mente não parava de pensar no pronunciamento de Buckaroo: “Não importa para onde você vá, lá está você.”

Nossa vida devia ter sido feliz, morando em um ótimo apartamento com vista para o Central Park. Mas discutíamos por tudo, até o que comer no jantar.

— Se eu quiser comida italiana e você quiser japonesa, por que não podemos achar um meio-termo e pedir comida italiana? — disse certa vez meu marido, redefinindo o conceito de “meio-termo”. Nunca chegamos a ir à China. Aguentei um ano e então terminei tudo. Ele não se opôs.

Após dois divórcios, eu me sentia bastante humilhada. Por sorte, minha família me apoiou. Meu pai tentou fazer com que eu me sentisse melhor.

— Olha, pelo menos você não teve filhos — disse ele. — Então, é como se tivesse tido dois namorados *bem* sérios.

Eu nunca recomendaria que ninguém seguisse os meus passos, mas os casamentos fracassados me ajudaram em algumas coisas. Como muitas jovens, entrei no mercado de trabalho supondo que, um dia, iria me casar, ter filhos e, aí, pedir demissão para cuidar deles. Depois de dois divórcios, risquei “casar” como objetivo de

vida. Além disso, fiquei determinada a nunca mais deixar um relacionamento atrapalhar meu trabalho. Escrever se tornou a minha salvação — uma maneira profissional de provar o meu valor depois daqueles fracassos pessoais. Os divórcios também me ensinaram a não ficar presa em uma decisão ruim. Mantenho duas almofadas no meu escritório bordadas com as minhas citações esportivas favoritas. Uma delas diz: “Em time que está ganhando, não se mexe.” A outra: “Em time que está perdendo, sempre se mexe.” Sei que nem sempre é possível sair de um “time que está perdendo”. Algumas situações difíceis precisam ser suportadas. Mas, se a mudança for uma opção, eu a aceito na hora.

No verão de 1986, ainda estava buscando uma maneira não humilhante de sair do meu segundo casamento (um acidente de avião, talvez?), quando uma nova revista chamada *SPY* abordou o meu então marido em busca de investidores. Ele não estava interessado, mas me mandou o prospecto e disse:

— Parece algo de que você gostaria.

Que fique registrado nos autos: meu ex tinha razão em *uma* coisa.

A *SPY* se considerava uma “revista mensal satírica” com o slogan: “Esperta. Engraçada. Destemida”. A missão da revista era deixar de lado os perfis bajuladores e apontar a hipocrisia dos ricos e poderosos. Hoje em dia, essa atitude irreverente é comum — nós a chamamos de internet —, mas, supostamente, é possível encontrar a origem da “era da ironia” na *SPY*.

Entrei em contato com os cofundadores da revista, Kurt Andersen e Graydon Carter, que me convidaram para ir aos seus escritórios sem móveis no Puck Building. Sentada em uma cadeira dobrável, sugeri dez pautas. Eles me contrataram como a primeira repórter da *SPY*.